*Tecendo estratégias pedagógicas*

Busco neste trabalho fazer uma leitura crítica do filme norte- americano *Escritores da Liberdade* (2007) dirigido por Richard LaGravenese tomando como base as discussões teóricas sobre a educação presentes na universidade.

Não há dúvidas quanto ao engajamento e dedicação da senhora G, Erin Gruwell, interpretada pela atriz Hilary Swank. A pergunta central é: o que essa figura de destaque nos diz? A admiração e o reconhecimento da importância de profissionais da educação empenhados em ensinar não só o que está prescrito no currículo aponta para uma realidade na qual a senhora G é exceção da regra. A questão passa a ser: Qual é a relação entre a formação acadêmica e o sistema educacional brasileiro cujo produto é a desmotivação do professor?

Costumo me interrogar sobre temas com essa natureza para melhor compreender o que acontece com estudantes da licenciatura hoje, leitores de Paulo Freire, futuros professores sem esperança após ingressarem nas escolas públicas, principalmente. A falta de valorização da carreira docente inclui a baixa remuneração e um olhar desatento incapaz de perceber que o professor está sempre trabalhando, estando ou não em sala de aula (preparo e correção de atividades/avaliações) assim como a necessidade de formação contínua enquanto leitor para contribuir no processo de formação do outro. Esses aspectos são de conhecimento geral e traduzem um sistema sociopolítico desigual e deficiente onde o investimento na educação nunca será prioridade por trazer ameaças a própria manutenção dessa estrutura.

Se os alunos de graduação optam pelo magistério cientes do cenário e tamanho do desafio que encontrarão, por que tornam-se fantoches da máquina capitalista quando vêem a tarefa de ensinar como um simples trabalho? As estratégias pedagógicas no filme podem ser resumidas na luta não só pela universalização/acesso do/ao ensino (a personagem quer todos os alunos na escola), mas também a permanência e defesa de uma educação de qualidade. Os últimos são exemplificados nas atitudes de entender o que acontece com os alunos fora da escola e na visão de que todos são capazes de aprender.

O sistema de integração voluntária do filme é semelhante à divisão de turmas niveladas de acordo com um suposto interesse e desempenho dos alunos nas escolas municipais e estaduais brasileiras vide a numeração das turmas e a diferença que há entre os turnos da manhã, tarde e noite. Ao contrário de outros colegas, a senhora G acredita que a verdadeira mudança acontece na sala de aula, adotando uma série de atitudes indispensáveis para cativar os alunos.

Vimos a personalização do ensino. Entendemos que cada aluno é único e aprende de uma forma, então se faz necessário respeitar as particularidades dos indivíduos. Além disso, a troca de lugares e o rearranjo do espaço físico da sala demonstram um empenho em trazer alunos para aula. O conhecimento de mundo, ou seja, a bagagem cultural e história dos secundaristas são considerados, pois sabe-se que o conhecimento não é transmitido, mas construído na interação entre alunos e professores onde ninguém é detentor do saber. A relação horizontal permite que os alunos aprendam entre si e sejam sujeitos ativos em todos os âmbitos da esfera social.

A desobediência de Erin à política da escola de proibir determinados assuntos em sala não é distante do que enfrentamos atualmente. A partir do momento em que assuntos culturais e políticos são discutidos abre-se a possibilidade de exercer o senso crítico e trabalhar a escuta e as diferenças.

Senhora G é contrária aos meios que beneficiam o maior número de alunos porque acredita na educação para todos. Se o professor não está motivado, como motivar sua turma? A fim de ganhar atenção, Erin passa a reformular o planejamento curricular de modo que os alunos possam criar laços com o que estão aprendendo. O jogo, a música (predileção musical da classe) são estratégias de *warm-up* para inserir os aprendizes na matéria. A caracterização da sala, isto é, a transformação de um ambiente neutro para um lugar vivo, plural, com mural e fotos são aliados no processo de ensino.

Conclui-se então que a valorização das habilidades dos alunos, o esforço incessante de mostrar que é através da educação que conseguimos alcançar nossos sonhos, as atividades extracurriculares e o trabalho com a variedade cultural são ingredientes fundamentais para transformar o ensino. O afeto, o olhar e a escuta mais humana podem parecer simples, mas são os únicos capazes de fazer a grande revolução. Quando lembrarmos que o educador não ensina uma ou mais matérias, mas a matéria da vida deixaremos de ser eucaliptos para renascermos como jequitibás.